



“Histórias de Beco: Quando a Poeira Assenta Entrevemos Rostos, Punhos e Corações”
O Projeto de Um Livro-Reportagem Ilustrado Sobre o Maior Complexo Comercial de
Fortaleza - Ce.¹

Mayara Carolinne Beserra de Araújo²
Antonio Wellington de Oliveira Junior³

Universidade Federal do Ceará

Resumo

Este artigo objetiva apresentar e discutir elementos a serem utilizados na produção de um livro-reportagem em que crônica reporteira e ilustração jornalística se unem para expor a história, a memória e o cotidiano de um dos maiores complexos comerciais da capital cearense, o Centro Comercial de Pequenos Negócios, conhecido por Beco da Poeira. Por meio deste projeto, repensamos os modos de representar o urbano através da crônica e do desenho, refletimos sobre a riqueza das trocas culturais realizadas no cotidiano de um espaço de comércio popular, além de fazermos um resgate histórico da feira através da consulta a jornais desde a época da construção do mercado aos dias atuais.

Palavras-chave

Ambulantes; cotidiano; reportagem; crônica; ilustração.

Corpo do trabalho

1. Introdução, uma primeira ronda

Registrar o cotidiano de um espaço central, comercial e popular de uma cidade é praticamente entrevistá-la em uma proporção menor, porém não menos dinâmica. Movimento, rede de relações, estereótipos, autonomia criativa e subversão são elementos identificáveis na bruma da correria dos mercados, em geral existentes na maioria das grandes cidades. Este projeto faz uso da crônica e da ilustração como instrumentos de captação desses elementos, a fim de refletir sobre eles e dar a refletir, mostrá-los, explicá-los ou simplesmente permitir que indivíduos tão triviais e ao mesmo tempo complexos quanto os envolvidos na reportagem possam se projetar para o espaço pesquisado.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania (IJ 07), do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante do sétimo semestre de graduação em Comunicação Social, habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará. Email: carol.mcba@gmail.com

³ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC – SP, professor adjunto do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará.



O lugar é o Centro Comercial de Pequenos Negócios ou Centro de Pequenos Negócios de Vendas Ambulantes. O nome oficial não se sabe ao certo, o que não é um problema já que o mercado é conhecido mesmo por Beco da Poeira, situado entre as praças da Lagoinha e José de Alencar, no centro de Fortaleza, capital cearense. Um dos maiores, senão o maior centro de comércio popular do Estado, as três grandes tendas em ferro e amianto que constituem o Beco abrigam em torno de 2.050 boxes organizados em cerca de 22 estreitas galerias, subdividas por gêneros comercializados: frutas e verduras, eletrônicos, miudezas e importados, calçados e a grande maioria: confecções, artigos em jeans e as chamadas modinhas, blusas, saias e vestidos em malha fria ou radiosa, consumidas por clientes diversos, desde funcionários de outras lojas do centro (que, muitas vezes, se recusam a comprar no estabelecimento em que trabalham pela diferença significativa de preços do Beco) até sacoleiros de outros estados, que viajam centenas de quilômetros para reabastecer no Beco suas boutiques e tendas.

Exemplo da capacidade de autonomia criativa e de subversão da cultura dominante, a moda do Beco consiste basicamente na apropriação do que é consumido nas telenovelas globais: acessórios, roupas, cores, tendências, tudo é absorvido, reinventado e repassado ao freguês, que já vai ao Beco em busca desta moda, previamente conferida na Tv.

Fundado em 1991, na gestão do prefeito Juracy Magalhães, o Centro Comercial de Pequenos Negócios fora antes um projeto do programa de revitalização do centro, iniciado por Maria Luiza Fontenele, prefeita anterior, em 1987, quando o espaço, de fato, conhecido por beco da poeira foi destruído, drenado e aplainado para que pudesse receber feirantes, vendedores de carnes, peixes, frutas e verduras, remanescentes da praça José de Alencar. Estas foram as duas primeiras tentativas de reorganização do centro da cidade. Atualmente, na gestão da prefeita Luizianne Lins, mais uma tentativa é feita, desta vez motivada pela construção da Estação Lagoinha do Metrofor – projeto de metrô de Fortaleza -, cuja sede será onde hoje está situado o Beco da Poeira. Segundo prefeitura e governo do Estado até o fim deste ano a obra necessita estar pronta, gerando novos sentimentos de apreensão e expectativas nos permissionários do Centro Comercial, que se preparam, depois de 18 anos no mesmo estabelecimento, para uma provável mudança definitiva.



O material a que nos propomos desenvolver revela-se, portanto, não à margem da história, contemplando as condições e circunstâncias em que se desdobra o cotidiano dessa gente, mas mergulha, imerge com eles, apresentando os protagonistas da reportagem como seres e situações inacabados, folhas em branco, livros rabiscados, mas não definitivamente escritos. A história do Beco da Poeira e dos atores sociais que o constituem (inclusive membros do sindicato, prefeitura e governo do Estado) está em marcha e este projeto caminha com eles, tomando nota do que lhe é possível, observando o desterro com olhos ávidos, famintos, e ao mesmo tempo detalhistas e sensíveis.

Um aspecto importante do Centro Comercial, não apenas deste, mas, em geral, de quaisquer mercados de grande porte, é que não só os vendedores cadastrados sobrevivem dele. Outros tantos vendilhões alimentam o comércio informal e, por meio dele, alimentam a si mesmos e a suas famílias. O Beco, saído das entranhas da diversidade de uma praça pulsante e viva como sempre fora a José de Alencar – que se reinventa e repoeva, apesar das tentativas higienistas das gestões municipais de varrer “vagabundos” e ambulantes –, herdou dela a avidez de quem precisa ganhar a vida a todo custo. Os vendedores cadastrados do Beco não divergem dos informais da praça, aproximam-se, oferecem, insistem, “chegam junto” do freguês, cada passante é um potencial consumidor. Se não há provador, com dois panos, faz-se uma cortina; se não cabe, aperta; se a perna da calça é grande, uma dobra, um ponto e tudo está resolvido. O Beco é o mercado do “jeitinho brasileiro”, constituído não só pelos permissionários, mas por marmiteiros, tapioqueiros, cafezeiras – nome popularmente dado às mulheres vendedoras de cafezinho –, malandros, catadores, artistas. Nessa dinâmica, entre as galerias, além dos visitantes, dezenas de isopores, tabuleiros e até bicicletas desafiam a estreiteza dos caminhos, ganhando a vida à custa do ganha-pão de outros tantos.

São quase inumeráveis os aspectos potencialmente exploráveis do Beco da Poeira, sua história, fama, diversidade, suas relações por si só já despertam a curiosidade de quem, ainda que rapidamente, deite um olhar diferenciado sobre ele. É, no entanto, diante da perspectiva de mudança definitiva e, portanto, destruição do que hoje se conhece por Beco que salta à mente – e ao coração –, ao menos desta pesquisadora que lhes escreve, a dúvida angustiada e apreensiva do que será da memória do grande mercado, do amontoado desordenado de ferros, toldos e malhas que hoje abriga tanto de tudo e



amanhã – nos próximos meses – tornar-se-á novamente o que a onze ou doze anos fora: um terreno baldio e aplainado a espera do novo, de um novo espaço, nova construção. O que pensam os permissionários? O que levarão do Beco antigo? Que memórias guardarão daquela estrutura, do aperto, do suor, do amontoado? E mais: o que esperam do novo Beco da Poeira, já que prefeitura e governo do Estado estão em vias de aquisição de uma antiga tecelagem na Avenida Imperador, não muito longe dali? O que terão de novo os mais de 6 mil metros quadrados que a tecelagem lhes oferece e o que a organização e limpeza de um novo estabelecimento não vai ser capaz de ofertar? Em suma, do que sentirão saudades? Sigamos juntos esta história em marcha e esperemos juntos, como se espera em toda narrativa, um final feliz.

2. Sobre crônica e ilustração: conceituando o livro-reportagem

Dedico este capítulo à conceituação das duas ferramentas que utilizarei para contar a história do Beco: a ilustração jornalística e a crônica reporteira. O conceito e a aplicação atual da ilustração jornalística referenciam-na como complemento da reportagem. Contudo, mais que subserviente à matéria jornalística, a ilustração pode perfeitamente funcionar como suporte da informação assim como a literatura, o rádio, a televisão ou a fotografia.

Nesse sentido, pretendo repensar como a ilustração comportaria, da melhor forma, a informação jornalística, a ponto de inverter a lógica reporteira e tornar o texto um apêndice do desenho ou ainda conferi-los “pesos iguais” na transmissão da informação, trazendo-os unidos, mas concedendo-lhes autonomia para que cada um transmita mensagens diferentes, inerentes a suas capacidades particulares. Como referência de desenho que une arte e jornalismo, trago à baila as pinturas do artista cearense Decartes Gadelha, reconhecidas pelas discussões sociais que emergem e pela revelação de imagens do cotidiano que, na pintura de Gadelha, dão crédito ao bordão “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Decartes Gadelha, 66 anos, desenhista, pintor e escultor cearense, é reconhecido por seus gritos de denúncia e indignação a partir da tela. Exposições como “Iracemas, morenos e Coca-colas”, em que expõe o cotidiano antes romântico e atualmente perverso da prostituição cearense, e Catadores do Jangurussu, nascida da experiência de viver com os catadores no lixão por meses, retratando-lhes a sobrevivência e a morte,



dão renome e concedem respeito à obra de Gadelha, autenticamente jornalística ainda que o próprio autor admita não ter uma preocupação de registro objetivo proveniente do fotojornalismo, por exemplo. Se analisada sob a práxis, os modos de fazer, da profissão, a arte de Gadelha assemelha-se, sim, ao jornalismo, mas ao sensível, descomprometido com a efemeridade, a pressa, o *fait-divers*. As pinturas e esculturas surgem a partir da vivência e, sobretudo, da apuração, da investigação do artista, sensível aos clamores dos personagens retratados, como se cada tela fosse capaz de contar uma parte da grande reportagem em que se transforma o conjunto de obras de cada exposição; em cada pintura, um perfil, uma entrevista, uma crônica, uma citação em olho.

“O conjunto de quadros forma uma peça inteiriça, unitária. Um diagnóstico plástico do submundo do meretrício em seus aspectos principais. Entretanto, cada quadro é uma cena específica do drama de cada um. (Descartes Gadelha, sobre a exposição “Iracemas, Morenos e Coca-colas”)

“A pintura é realizada sem a preocupação foto-jornalística da denúncia social, mas sim com a intencional busca da atmosfera psicológica do meio ambiente; são impressões coloridas e gestuais feitas da desesperada disputa de encontrar, mesmo remotamente, algo reaproveitável e que sirva de qualquer forma para prolongar por mais um pouco corpos semi-impresráveis, esfarrapados pela miséria. (...) A fome, a doença, o abandono e o extremo desamparo modelam de tal forma aqueles seres, que visualmente seus corpos se fundem com o próprio lixo...” (Descartes Gadelha, sobre a exposição “Catadores do Jangurussu”)

É a partir do estudo dos conceitos de ilustração em jornalismo e das pinturas de Gadelha – apreendendo não as características estéticas, próprias de cada autor, mas os modos de apuração e captação da realidade representada na tela – que intento, num segundo momento, sair da teoria para imergir na prática, produzindo minhas próprias ilustrações, com meus traços e características singulares.

A escolha do desenho a despeito de outros possíveis suportes jornalísticos que pudessem complementar a crônica – como a fotografia – é oriunda, sobretudo, da compreensão de que, no trato de certos vértices do cotidiano, somente descrever pela literatura ou retratar pela fotografia, muitas vezes, não é suficiente, pois que os aspectos psicológicos emanados pelos personagens e pelo ambiente ao longo dos acontecimentos podem não ser satisfatoriamente contemplados por esses modos. O desenho, a pintura, ainda que semelhantes à fotografia, são capazes de apreender o que a arte chama de “escorço”, que seriam justamente os traços, as nuances subjetivas das imagens, que nem sempre são somente aquilo que vemos, mas também o que sentimos ao ver.



A crônica, por sua vez, foi escolhida para partilhar com a ilustração as sensações emanadas do ambiente caótico e único do Beco por conceder ao escritor liberdade de abstração, descrição, revolta e descobrimento ou tudo o mais ao mesmo tempo, própria da escrita leve e psicológica de quem narra para si mesmo. É comum a compreensão de crônica como ponto de convergência entre História, Literatura e Jornalismo, sobretudo entre estes dois últimos. À história, refere-se a crônica principalmente sob a perspectiva da memória, dos relatos de uma cidade que se reinventa. Segundo Ronaldo Salgado (2006, p. 126)⁴:

“No caso particular de João do Rio, ao exercitar uma *flanerie* nas ruas e nos bulevares do Rio de Janeiro em processo de mutação, dá vez e voz a personagens e cenários de extrema significação na história da cidade que se modifica. É quando se dá o encontro das informações da atualidade com os fragmentos da memória coletiva do Rio de Janeiro.”

Assim, a crônica passeia por estas transformações do espaço urbano com a leveza da convergência de métodos e estéticas: o resgate objetivo de fatos históricos, o sabor ora adocicado ora amargo da narrativa literária e as habilidades de apreensão dos relatos de personagens, de apuração e investigação próprias do jornalismo. Neste projeto, ela tem por missão costurar as imagens, dando-lhes movimento e cor.

3. Gente por trás da poeira, da malha e do ferro: uma prévia do livro-reportagem

Segue-se abaixo um trecho inicial do livro-reportagem, uma mostra do estilo literário adotado na crônica e das imagens que ela faz emergir:

“... este entrelaçamento de percursos, embora longe de constituírem uma clausura, prepara, assim o espero, nossos caminhos para se perderem na multidão” (CERTEAU, Michael. 1994, p. 36)

Pesquisava a relação entre programas policiais, ditos popularescos, e seus espectadores que se reúnem despretensiosamente ao redor de Tv's em bares e lanchonetes quando, tão aleatoriamente quanto eles, fui levada a revisitar, com olhos de pesquisadora, o espaço que sempre cruzei desde menina: o Beco da Poeira. Adentrei-o e ali me quis estabelecer. Mudei de tema.

⁴ SALGADO, J. R. A. A Crônica Reporteira de João do Rio. 1ª. ed. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade e Expressão Gráfica, 2006. v. 1000. 192 p.



Não recordo a primeira vez em que estive no Beco, mas provavelmente me deveria guiar o punho seguro de minha mãe, apressada, cruzando as vielas de tecidos; meus olhinhos infantis iam decerto turvos da correria e das mil coisas à frente: roupas, calçados, pessoas. Barulho, multidão e cores rompendo o gris bolorento dos boxes e um único norte: a destra materna.

O Beco como conhecemos hoje nasceu junto comigo. Não a estrutura, inaugurada em 1991, mas a idéia, a decisão primeira: à tarde do dia 4 de novembro de 1987, na sede do Banco do Nordeste, a prefeita em exercício, Maria Luiza Fontenele, se reunia com sua equipe e acertava a reforma do terreno à época conhecido por beco da poeira para receber o “feirão popular”, de frutas e verduras. Horas depois, na madrugada daquele mesmo dia, eu nasci – Mayara Carolinne Beserra de Araújo, filha de funcionário público e costureira, destinada a cruzar tantas vezes, anos depois, com comércio erguido sobre o terreno negociado àquele dia.

A tarde fortalezense é quente e abafada. Os meses iniciais do ano trazem as chuvas de São José e, por isso, o bafo morno e impróprio do asfalto entope-me as narinas. Adoecerei da garganta, certamente. Compro um lanche qualquer no Shopping Metrô e cruzo a rua, intrigante comparar o quarteirão do shopping com as fotografias da hemeroteca: eram meados dos anos 80 quando ali habitava As Brasileiras. Enquanto Hebe Camargo estrelava sorridente os cartazes publicitários da grande loja de departamentos, o verdadeiro beco subsistia do outro lado da rua, a contradição estampada, barracos de madeira e alvenaria formavam becos estreitos, abrigos de 15 famílias e sustento de outros 52 “locatários”: desempregados donos de biroskas imundas; cafetinas, gigolôs, prostitutas velhas e muito novas; vendedores de lanche, frutas, verduras e carnes, cujos restos – vísceras, bagaços, miúdos – tomavam o chão das vielas. Uma latrina em forma de tosco labirinto a céu aberto. O beco da poeira era o lar dos excluídos, dos descuidistas, bêbados, putas. Sob a névoa da poeira habitavam os esquecidos.

Às duas horas de uma tarde quente em que há pouco chovera entrar no Beco requer antes certo preparo psicológico para a experiência sensorial de uma brusca mudança de ambiente, é quase como ser trancado em um fosso, um calabouço de teto rebaixado, quente e úmido. O tempo e o espaço no Beco também diferem do centro externo: há

outra correria, outros modos, o tempo passa mais depressa, a passada apertada e os olhos correm vertiginosos pelas peças. É dessa forma que as pessoas tornam-se não mais que vultos e as conversas, fórmulas repetidas – Quanto custa? Que cores tem? Que tamanhos? Tem desconto? Qualquer comportamento que fuja a essa dinâmica é encarado com estranheza. Minha presença inquisidora, curiosa e relaxada é quase ofensiva.

4. Anexos

4.1. Ilustrações

Imagens produzidas como mostra da linha estética das ilustrações que compõem o livro-reportagem. Retratam o movimento no interior da José de Alencar, uma das maiores praças do centro de Fortaleza, conhecida por sediar o teatro José de Alencar e pela grande movimentação, em geral, decorrente dos artistas populares, que faziam seus shows à sombra das árvores, dos ambulantes informais, que estendiam por ali suas lonas e de passantes, consumidores do centro, que utilizavam o monumento do escritor que dá nome à praça como ponto de parada, território da conversa fiada, do descanso e como camarote para assistir aos cantadores e trapezistas⁵. Atualmente, como relata a segunda imagem, a prefeitura mandou retirar ambulantes e artistas e sitiou a praça com tapumes, como protesto, os vendedores se instalaram à margem dos compensados e escreveram neles “recados” à prefeita com tinta vermelha⁶.

⁵ Imagem 1 – Monumento ao Zé da Praça

⁶ Imagem 2 – A vendedora sitiada

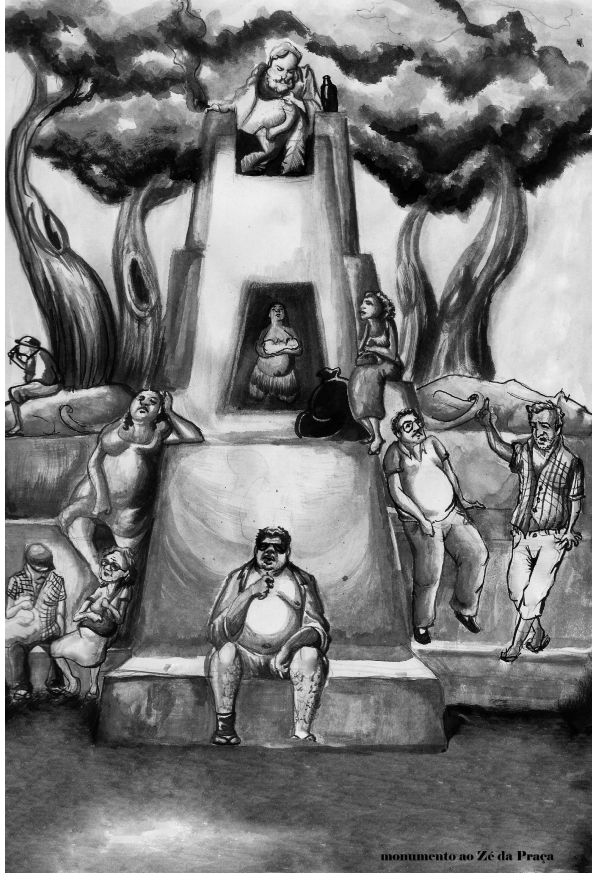
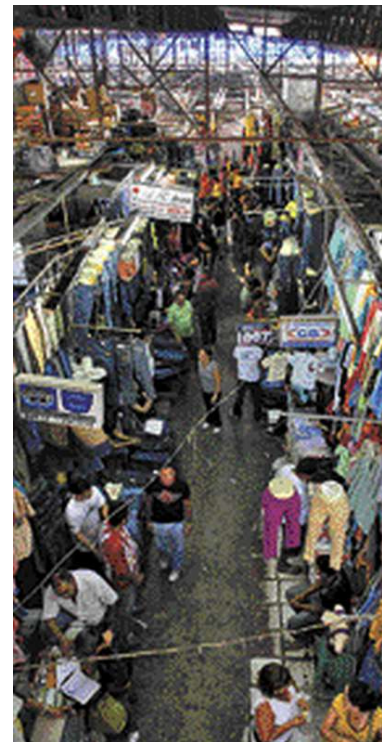


Imagem 1 – Monumento ao Zé da Praça



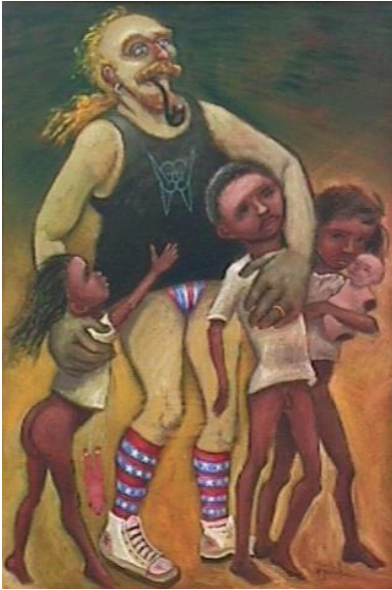
Imagem 2 – Vendedora Sitiada

4.2. O Beco da Poeira

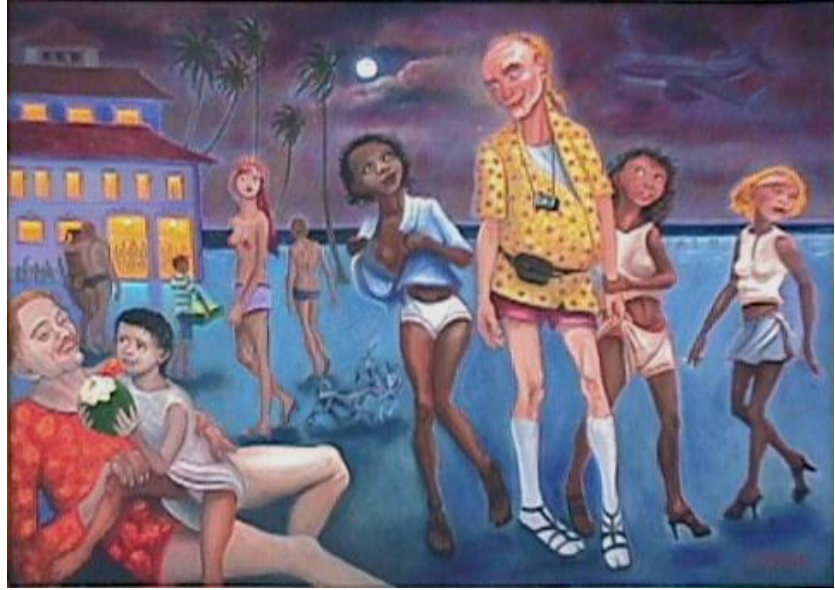




4.3. As pinturas de Decartes Gadelha



Promenade de
Voyeur Sensuel



Pela praia de Iracema

Referências bibliográficas

CERTEAU, Michael. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 351 p.

PIMENTEL, Lídia Valesca Bonfim. Praça José de Alencar: Pedacos da Cidade, Palco de Vida. 1998. 145f. Dissertação (Pós-Graduação em Sociologia) – Faculdade de Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

SILVA, Ana Glória Lopes. À Fina Força: narrativas de trabalhadores de rua na Barra do Ceará. Fortaleza: Coleção Mundos do Trabalho, 2007. 190 p.

SALGADO, J. R. A. . A Crônica Reporteira de João do Rio. 1ª. ed. Fortaleza: Laboratório de Estudos da Oralidade e Expressão Gráfica, 2006. v. 1000. 192 p.